

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ: AS DIVERSAS FACETAS DA CULTURA FÍSICA: HISTÓRIAS DE UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO DO CORPO

Marcelo Moraes e Silva

Universidade Federal do Paraná

marcelomoraes@ufpr.br

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros

Universidad de la República

dmedeiros@cup.edu.uy

Evelise Amgarten Quitzau

Universidade Federal de Viçosa

eveliseaq@yahoo.com.br

Envio original: 05-09-2022. Aceitar: 29-10-2022. Publicado: 09-10-2022.

O corpo tornou-se, ao longo das últimas décadas, um importante objeto de investigação histórica. Esse interesse da história pelo corpo e suas retóricas foi acompanhado, conforme apontam Andrieu (2004) e Lévine e Touboul (2015), do desenvolvimento de pesquisas em diversas outras áreas do conhecimento, como a antropologia, filosofia, psicologia, psicanálise e a sociologia. Para Courtine (2011), foi o século XX que inventou teoricamente o corpo, em sintonia com a ênfase dada às questões somáticas no âmbito da cultura popular do período.

Entretanto, houve certa relutância dos historiadores na produção de estudos e pesquisas centradas no corpo como objeto de investigação (Porter, 2001; Támes, 2009; Le Goff, Truong, 2015). Le Goff e Truong (2015) lembram que esse interesse começou pelas mãos de historiadores ligados à *Escola de Annales*, principalmente Lucien Febvre e Marc Bloch. Inclusive, os autores atribuem a Marc Bloch a ideia de que a história “(...) foi por muito tempo despojada do seu corpo, da sua carne, de suas vísceras, de suas alegrias e desgraças. Seria preciso, portanto, dar corpo à história. E dar uma história ao corpo” (Le Goff; Truong, 2015, p.10). Segundo eles, a concepção de corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na vida cotidiana sofreram modificações em todas as sociedades. Por isso, fazer a história do corpo seria, sobretudo, fazer uma história de um esquecimento. De acordo com Porter (2001), Andrieu (2004), Le Breton (2011), Lévine e Touboul (2015) e Gleyse (2018), valores instituídos ao longo dos séculos, como o cartesianismo e a ênfase na racionalidade, proclamaram a superioridade do “não-corporal”. Assim, se a tradição intelectual do ocidente deprecou o corpo, não

era de se admirar que a história do corpo tenha sido preterida em relação a outros temas de investigação.

Paralelamente aos *Annals*, Marcel Mauss (2009) desenvolveu, na confluência da sociologia e da antropologia, um interesse pelas técnicas do corpo. Seu clássico texto, publicado em 1934, propõe um amplo olhar para o mundo dos sentidos, um mundo que varia com as condições materiais, os modos de habitar, de fabricar os objetos; em suma, modelos que impõem diferentes formas de experimentar e utilizar o sensível e que romperam, de certo modo, com uma tradição cartesiana. Esse universo também varia com a cultura, conforme enfatiza Marcel Mauss (2009), um dos primeiros a mostrar como gestos “naturais” como andar, dormir e comer são fabricados pelas normas coletivas. A técnica é entendida pelo antropólogo francês como algo tradicional e eficaz, e o corpo como o primeiro e mais natural instrumento do indivíduo. Nesse sentido, o autor mostra que as técnicas que regem o corpo variam conforme a sociedade, os processos de educação, as conveniências, as modas, os prestígios entre diversos outros aspectos.

Um pouco depois das fundamentais observações de Marcel Mauss, surge em 1939 uma das maiores contribuições para a história do corpo: a publicação dos dois volumes de Norbert Elias em uma obra consagrada ao estudo do processo civilizador, “A civilização dos costumes” e “A dinâmica do Ocidente” (Elias, 1994). Nessa empreitada de sociologia histórica, Elias busca compreender o processo civilizador - que repousa no autocontrole da violência e na interiorização das emoções – por meio do estudo dos costumes e das “técnicas do corpo” na Idade Média e no Renascimento. Norbert Elias foi um dos pioneiros ao elevar as funções corporais ao nível de objeto histórico e sociológico. O intelectual tomou como objeto de investigação o que inúmeros pesquisadores consideravam fútil, e evidenciou que as funções corporais ditas “naturais” são produtos elaborados no plano cultural. Elias demonstra que vergonha, constrangimento e pudor possuem uma história e que o processo civilizador visa interiorizar e tornar privados os gestos que os indivíduos assimilaram de sua condição animal.

Elias (1994) afirmava que o corpo é tanto receptáculo como agente, face às normas internalizadas e privatizadas, sendo lugar de um lento trabalho de repressão, de controle das pulsões e de distanciamento do espontâneo. O sociólogo alemão aponta que é no corpo que se constrói uma laboriosa elaboração da etiqueta, polidez e autocontrole que acaba por criar limiares de vergonha e de pudor, recriando socialmente o distintivo e o civilizado. Esses controles corporais foram lentamente elaborados, mas bem depressa esquecidos e considerados a-históricos, a ponto de parecerem naturais e modeladores de sensibilidades.

Na sombria década de 1940, os filósofos alemães ligados à Escola de Frankfurt, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985), também exploraram a temática do corpo em sua obra “A Dialética do Esclarecimento”, publicada em 1944. Os autores, em suas notas e esboços, enfatizaram a

importância do corpo na história ocidental. Os representantes de Frankfurt afirmam que a Europa tem duas histórias, uma muito conhecida e escrita e outra que é subterrânea, constituída pelo destino dos instintos e das paixões humanas rechaçadas e corrompidas pela civilização. Adorno e Horkheimer (1985) tiveram como base para suas reflexões filosóficas a experiência nazista, detectando que tudo aquilo que estava escondido sob os diferentes processos de repressão corporal veio à tona. Uma história do corpo, na visão dos autores, seria este lado impensado da civilização ocidental. A meio caminho do marxismo e do freudismo, os filósofos alemães afirmaram que esse controle exercido sobre o corpo possibilitou uma relação de amor-ódio com a dimensão corporal. Suas concepções diferem de Norbert Elias pois, para os autores, o corpo não é lugar do “processo civilizador” e sim algo reprimido pela Modernidade, tornando-se uma instância de vingança, ou seja, o próprio processo de barbárie que possibilitou a emergência de movimentos totalitários como o nazismo.

Na historiografia, certo interesse pela dimensão do corpo, conforme indica Támes (2009), começa a se fazer presente a partir da década de 1970. Foi nesse período que um primeiro movimento relacionado à história do corpo, de preocupações mais biológicas, se instituiu dentro de vertentes historiográficas ligadas aos *Annales*. Essa nova agenda de pesquisa se afirmou na segunda metade dos anos 1970 e, de forma mais abrangente nos anos 1980. Nesse período, o corpo emergiu como objeto de investigação importante no campo da história, tendo suscitado o interesse de diversos investigadores em diferentes partes do mundo. Del Priore (1995) aponta que uma das razões desse novo interesse foi a aproximação entre a história e a antropologia.

Clever e Ruberg (2014) afirmam que nos anos 1980 e 1990 um “giro corporal” tomou lugar nas pesquisas em sociologia e história. Se até aquele momento o corpo era considerado, para a ciência, algo biológico, ele começou a ser visto como historicamente variável e permeado por questões como a cultura, a linguagem, as ideologias. Para Ruberg (2020), esta mudança derivou das influências que tanto o giro linguístico como o giro cultural tiveram sobre a historiografia, pois estes movimentos levaram a uma passagem definitiva de preocupações com estruturas políticas e sociais para um olhar sobre como as representações contribuíam para a construção cotidiana de significados, neste caso, sobre o corpo.

De forma similar, Sarasin (2016) identifica três elementos que influenciaram este protagonismo do corpo na historiografia a partir dos anos 1980: o diálogo com outras áreas das ciências humanas e sociais; as críticas feministas ao que consideravam teorias essencialistas sobre o corpo feminino; e os estudos de Michel Foucault sobre o corpo e as dinâmicas de poder. Desde a década de 1960 e, sobretudo, na de 1970, Foucault buscou integrar o corpo em uma “microfísica dos poderes”. De sua “História da Loucura” (1961) e do “O Nascimento da Clínica” (1963), até sua trilogia sobre a “História da Sexualidade”, escrita entre 1976-1984 e principalmente em “Vigiar e Punir” (1975), o autor interrogou como o corpo foi diretamente mergulhado em um campo político.

Foucault (2011), ao explorar um certo saber sobre o corpo, lembra do ritual político do suplício que se estendeu até metade do século XVIII, até a ortopedia social posteriormente implementada no século XIX. Era uma sociedade que se preocupava mais em vigiar do que em punir, educar mais que castigar. Nesse contexto, o intelectual francês utiliza uma expressão que não deixa de lembrar Marcel Mauss, pois mostra que uma “tecnologia política do corpo” difusa, irredutível apenas às instituições de coerção, se instalou na Europa. Trata-se na verdade de substituir as técnicas punitivas na história desse corpo político. O autor difere dos teóricos de Frankfurt que queriam fazer emergir uma história subterrânea, sobretudo, por meio da história do corpo como objeto de atração e repulsão. Michel Foucault evidencia a centralidade do corpo, mostrando seu lugar numa sociedade disciplinar marcada pelo poder disciplinar e pelo biopoder.

Mais recentemente, inúmeras críticas foram tecidas a esses estudos foucaultianos e suas conceituações baseadas discursivamente sobre o corpo disciplinado. Essas contestações se relacionam ao caráter construcionista desses trabalhos, que enxergavam a história do corpo sem colocar em pauta questões como a agência dos indivíduos ou sem se referir ao corpo em sua materialidade, com pesquisas que se ocupavam exclusivamente dos discursos (Clever; Ruberg, 2014). Cooter (2010) chamou essa nova agenda de pesquisas de “essencialismo”, vertente na qual os pesquisadores passaram a se ocupar com estudar o corpo em sua materialidade, dando ênfase às práticas e vivências ao longo da história.

Essas distintas interpretações sobre o corpo na história, que começaram a se desenvolver amplamente no final do século XX, encontraram ecos no campo historiográfico brasileiro. Nos direcionaremos aqui, mais especificamente, para as investigações em história da educação, que, igualmente, diversificaram as compreensões a respeito dessa temática.

Grande parte dessas pesquisas se dedicou ao estudo do corpo no interior da escola. Esses estudos se pautaram, principalmente, em duas análises. A primeira delas foi em relação às aulas de educação física ou ginástica e as retóricas de educação corporal ali inscritas. A ginástica foi compreendida nesses estudos como uma síntese do pensamento racional e científico a respeito do corpo, e afirmada como um código de civilidade. Assim, investigou-se sua introdução como um dos modelos de educação dos corpos no espaço escolar¹.

Além da ginástica e das aulas de educação física, a materialidade do ambiente escolar é um importante foco de análise. Nessas pesquisas, considera-se que os prédios escolares, a organização das carteiras, o arranjo arquitetônico, o horário do recreio, em suma, o tempo bem definido e o espaço delimitado, são expressões materiais da educação dos corpos na escola. Difundiram-se na literatura

¹ Sobre o assunto, ver: Soares (1994; 2000); Moreno (2001; 2003); Goellner (2001; 2003).

brasileira pesquisas que investigam tais elementos e sua capacidade de moldar os corpos e adequar os comportamentos nesse ambiente².

Entretanto, a história da educação no contexto brasileiro não deu ênfase apenas à investigação da educação do corpo dentro da escola. Uma outra linha de pesquisas assume que, para além do ambiente escolar, inúmeros outros elementos são capazes de educar, moldar, direcionar e verticalizar os corpos³. Para Soares (2001, p.110) “os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento”. Assim, a educação do corpo ultrapassa os limites da escola, e se dá em outros formatos na sociedade, de forma institucionalizada ou não.

Pautados nessa perspectiva, os periódicos do campo da educação e da história da educação acolheram novos temas, objetos e perspectivas nas investigações a respeito da história da educação do corpo, tomada em seu sentido amplo e não limitada à escolaridade formal. Exemplo claro foi o dossiê *Corporalidade e educação*, publicado na “Educar em Revista em 2000”⁴. Além dele, é possível citar também os dossiês *A visibilidade do corpo*, publicado na revista “Pro-Posições” em 2003⁵; o dossiê *Educação do corpo: teoria e história*, publicado na revista “Perspectiva” em 2004⁶; e o dossiê *Formas históricas de educação do corpo em países ibero-americanos*, publicado na “Educar em Revista” em 2009⁷. Tais edições contaram com distintos autores, estrangeiros e nacionais, que falaram sob inúmeras perspectivas a respeito da temática elencada.

Dessa forma, ao compreendermos que a educação do corpo é um processo materializado através de distintas pedagogias que não compreendem apenas a escola, podemos ampliar a perspectiva de entendimento de uma história da educação física, por meio do conceito de cultura física. Essa definição permite a compreensão de inúmeros discursos e práticas relativos ao corpo, que vão desde relações sociais, econômicas e políticas até aquelas ligadas a questões morais e éticas. A cultura física se desenvolveu em um terreno conflitivo em que distintos atores, instituições e grupos sociais puseram em circulação, distribuição e transmissão um conjunto complexo e heterogêneo de significados vinculados não apenas ao corpo orgânico, mas a todas as redes tecidas pela ciência e pela cultura que abarcam o conjunto de práticas recreativas, esportivas, artísticas e, mais amplamente, de inúmeros divertimentos em que o corpo é requerido (Krik, 1999; Scharagrodsky, 2014).

² Sobre a temática arquitetura e educação do corpo, ver, entre outros: Soares e Zaranquin (2004); Zaranquin (2002); Meurer (2018).

³Tal discussão se baseia nas ideias de Vigarello (2018)

⁴ O dossiê foi organizado por Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

⁵ O dossiê foi organizado por Carmen Lúcia Soares.

⁶ O dossiê foi organizado por Marcus Aurélio Taborda de Oliveira e Alexandre Fernandez Vaz.

⁷ O dossiê foi organizado por Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

As investigações a respeito da cultura física vêm se tornando uma profícua agenda de pesquisa no Brasil e, de forma semelhante, na Argentina e Uruguai. O projeto “A cultura física na Argentina, Brasil e Uruguai (1880-1950): a constituição de uma educação do corpo”, coordenado por Marcelo Moraes e Silva se propõe a abarcar investigações que analisam a forma como o conceito de cultura física foi se constituindo nesses países, no período selecionado, evidenciando os diversos contornos que os elementos da cultura física e os processos de educação do corpo foram cristalizando nessas nações sul-americanas. As produções do referido grupo⁸, que giram em torno de questões como a educação do corpo e a cultura física, analisam novas concepções a respeito dos divertimentos, da educação física e dos esportes no cenário proposto.

Os artigos contidos nesse dossiê apoiam-se de alguma maneira, portanto, na noção de educação do corpo e no conceito de cultura física. Em comum, consideram que a cultura física e a educação do corpo são processos educativos que abrangem e ultrapassam os limites da educação física escolar. O objetivo do dossiê, de forma mais generalizada, é adensar e colaborar com um debate que considera os divertimentos, as danças, as ginásticas, os esportes, as lutas e outras expressões da cultura física como elementos que constituem processos de educação do corpo. Para isso, conta-se com textos de diversos pesquisadores brasileiros, bem como de investigadores ligados a universidades da Argentina, França, Suécia e Uruguai.

No texto que abre esse dossiê, Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros e Flávia Martinelli Ferreira apresentam o ensaio *Por uma categorização das técnicas esportivas: um diálogo entre Marcel Mauss e Georges Vigarello*. Nesse trabalho, que dialoga com o campo de investigações explorado nessa apresentação, as autoras estabelecem um diálogo entre os estudos sobre as técnicas corporais de Marcel Mauss e os avanços em relação às técnicas esportivas apresentados por Georges Vigarello. No ensaio, além de aproximarem os autores, as autoras atualizam chaves analíticas para a compreensão das técnicas esportivas.

Na sequência, Jean Saint-Martin (Universidade de Estrasburgo/França) apresenta o texto *Educação física e identidade masculina francesa no final do Segundo Império*⁹. Neste artigo, o autor explora as formas pelas quais a ginástica foi transformada num elemento central da educação de uma juventude masculina, num período em que a constituição da própria identidade francesa estava em jogo, em meio a tensões e conflitos, especialmente com a recém unificada Alemanha.

Durante este período, entretanto, a ginástica não se restringiu aos territórios europeus e, na transição do século XIX para o século XX, é possível observar a circulação de diversos manuais sobre o

⁸ Algumas das produções mais recentes do grupo, associadas à discussão da cultura física, se encontram em: Gomes, Quitzau e Moraes e Silva (2020); Naman, Furtado e Moraes e Silva (2020); Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018); Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018); Moraes e Silva, Quitzau (2018).

⁹ No original : *L'Education physique et l'identité masculine française à la fin du Second Empire*.

tema em contextos latino-americanos. Em *Circulación, transmisión y apropiación de prácticas corporales. La gimnasia sueca y su traducción en la Argentina y Brasil a principios del siglo XX*, Pablo Scharagrodsky (Universidade de La Plata/Argentina, Andrea Moreno (UFMG/Brasil) e Valeria Varea (Universidade de Örebro/Suécia) analisam os processos de ressignificação da ginástica sueca nos processos de difusão desta prática em terras argentinas e brasileiras, indagando sobre como as traduções destes manuais contribuíram para a criação de novos sentidos sobre esta proposta de educação do corpo em ambos os países.

Na sequência, Heitor Luiz Furtado, Evelise Amgarten Quitzau e Marcelo Moraes e Silva apresentam um artigo que versa sobre a emergência de uma cultura física na cidade de Blumenau/SC. Em *Da defesa e segurança à destreza e a eficiência: Schützenverein Blumenau e a emergência uma cultura física em Blumenau (1859-1910)* os autores analisam o papel das sociedades de tiro nesse processo, que ia desde atividades como práticas esportivas até bailes e desfiles, que, em seu conjunto apontavam para a elegância, o porte, o respeito às regras e decoro, constituindo importante elemento de análise da cultura física da cidade.

No artigo *Da fortaleza de corpos vigorosos: cultura física e educação do corpo no colégio Diocesano Pio X – Paraíba (1910-1954)*, Alexandre dos Santos e Claudia Engler Cury (UFPB/Brasil) olham para as construções discursivas sobre o conceito de cultura física em uma instituição educativa católica, mostrando como as práticas esportivas e de educação física foram centrais para a materialização de um projeto educativo cujo objetivo era o disciplinamento jovens a partir de perspectivas pautadas na medicalização e na pedagogização das práticas corporais.

Em *Historia, educación física y género. El caso del departamento de cultura física de la universidad nacional de La Plata (Argentina, 1929-1946)*, Pablo Kopelovich (Universidade de La Plata/Argentina) toma os estudos de gênero para analizar como o Departamento de Cultura Física contribuiu para a construção de uma educação física generificada e produtora de masculinidades e feminidades nos colégios secundários vinculados à Universidad Nacional de La Plata.

Os processos de formação de professores de Educação Física foram, no século XX, objeto de olhar atento de diferentes governos, e isso fica muito claro no artigo de Paola Dogliotti (Universidade da República/Uruguai). Em *La Intervención del Instituto Superior de Educación Física del Uruguay (1965-1966)*, a autora examina como a intervenção militar sobre o Instituto Superior de Educação Física, apesar de muito breve, gerou mudanças importantes na formação de professores de educação física no Uruguai, marcando profundamente os documentos regulamentares e curriculares desta instituição ao dar maior centralidade a elementos normalizadores e disciplinadores que, de certa forma, já se faziam presentes em décadas anteriores.

No artigo *Educando corpos infantis: dimensões do Programa ‘Educação Física no Curso Primário’*, 1950, Juarez dos Anjos (UNB/Brasil) e Gizele de Souza (UFPR/Brasil) se debruçam sobre documento posto em circulação pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em meados do século XX, para entender como, no âmbito do ensino primário, se buscou apresentar aos professores uma educação física escolar ainda marcada por elementos higienistas e militaristas, que enfatizavam a necessidade de intervir pedagogicamente sobre os corpos infantis, buscando atender as necessidades individuais e de socialização das crianças.

Em *La Educación Física y la gimnasia en la educación primaria y el nivel medio. Un estudio sobre las perspectivas teóricas en circulación. (1958-1968)*, Alejo Levoratti (Universidade de La Plata/Argentina) também se utiliza de documentos oficiais para entender as diretrizes que guiavam os trabalhos dos professores de educação física nas instituições de ensino argentinas. O autor demonstra como se estabeleceu, neste período, um processo de difusão da educação física e da ginástica fortemente ancorado em princípios como a massificação da educação física em instituições educativas, a atualização curricular e a capacitação dos docentes encarregados desta disciplina.

Em *Jacques de Rette e a República dos Esportes: uma experimentação da cidadania na Educação Física (1964-1973)*¹⁰, Jean-François Loudcher (Universidade de Bordeaux/França) e Christian Vivier (Universidade de Franche-Comté/França) analisam um experimento pedagógico realizado na França, que tinha como objetivo ensinar o conceito de “cidadania” a partir de uma aprendizagem ativa, que tinha como suporte central o esporte. Os autores mostram como este experimento se difundiu por mais de 80 instituições de ensino secundário ao longo de uma década, mas que se viu profundamente afetada pelas mudanças sociais e culturais do final dos anos 1960, que questionavam os valores que potencialmente seriam transmitidos pela prática esportiva.

Por fim, em *A educação do corpo em discurso: uma resenha de “A Instrumentalização do corpo: uma arqueologia da racionalização instrumental do corpo, da Idade Clássica à época Hipermoderna”*, Cahuane Corrêa (UFPR/Brasil) realiza uma análise detalhada da obra de Jacques Gleyse, mostrando como o autor constrói uma compreensão sobre os processos de operacionalização do corpo na sociedade Ocidental em uma larga duração, que perpassa desde os processos de consolidação e difusão das práticas de dissecação anatômicas, até as novas versões da metáfora de corpo-máquina que começam a se estabelecer nos anos 1990 a partir das novas relações com a tecnologia no âmbito esportivo.

Deixamos aqui nosso convite às leitoras e aos leitores, para acompanhar as autoras e autores em suas análises sobre como a cultura física se estabeleceu como um processo histórico de educação do corpo nos diferentes contextos selecionados e analisados nas produções que compõem este dossier.

¹⁰ No original: *Jacques de Rette et les Républiques des sports : une expérimentation de la citoyenneté en EPS (1964-1973)*.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. (1985). **A dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ANDRIEU, B. (2004). **A nova filosofia do corpo.** Lisboa: Instituto Piaget.
- CLEVER, I.; RUBERG, W. (2014). Beyond cultural history? The material turn, praxiography, and body history. **Humanities**, v;3, p.546-566.
- COOTER, R. (2010). The turn of the body: history and the politics of the corporeal. **ARBOR – ciencia, pensamiento y cultura**, v. 186, n. 743, p. 393-405, mai-jun.
- COURTINE, J-J. (2011). Introdução. In: COURTINE, J-J. (org.). **História do Corpo 3:** As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Editora Vozes, p.7-12.
- DEL PRIORE, M. (1995). Dossiê: a história do corpo. **Anais do Museu Paulista**, v.3, p. 9-26.
- ELIAS, N. E. (1994). **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zaahar,.
- FOUCAULT, M. (2011). **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 39. ed. Petrópolis: Vozes.
- FURTADO, H.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. (2018). Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento**, v. 24, p. 665-676.
- GLEYSE, J. (2018). **A instrumentalização do corpo:** uma arqueologia da racionalização instrumental do corpo, da Idade Clássica à Época Hipermoderne. São Paulo: LibersArs.
- GOELLNER, S. V. (2001). A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 16, p. 35-52.
- GOELLNER, S. V. (2003). **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na revista Educação Physica. Ijuí, RS: Editora Unijuí.
- GOMES, L. C.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. (2020). As festividades dançantes no Clube Curitibano: Os bailes como elemento da cultura física (1881-1914). **History of Education in Latin America - HistELA**, v. 3, p. e19729.
- KIRK, D. (1999). Physical Culture, Physical Education and Relational Analysis. **Sport, Education and Society**, v.4, n.1, p.63-73.
- LE BRETON, D. (2011). **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis: Vozes.
- LE GOFF, J.; TRUONG, N. (2015). **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LÉVINE, E.; TOUBOUL, P. (2015). **Le corps.** Paris: Flammarion.
- MAUSS, M. (2009). As técnicas do Corpo, in: *AA.VV., Corpo, Colecção Arte e Sociedade* (Dir. João Valente Aguiar), n.^o 1, Lisboa: Apenas Livros, Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 3-24.

- MEURER, S. S. (2018). **A invenção do recreio escolar:** uma história de escolarização no estado do Paraná (1901-1924). Curitiba: Appris.
- MORAES E SILVA, M.; QUITZAU, E. A (2018). A cultura física na cidade de Curitiba: a emergência de uma pedagogia corporal (1899-1909). **Revista de Ciencias Sociales**, v. 41, p. 275-296.
- MORAES E SILVA, M.; QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. (2018). Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. 178293.
- MORENO, A. (2001). Corpo e ginástica num Rio de Janeiro – mosaico de imagens e textos. 2001. 264p. **Tese** (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP.
- MORENO, A. (2003). O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o 'não lugar' da ginástica sueca. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n.01, p. 55-68.
- NAMAN, M.; FURTADO, H.; MORAES E SILVA, M. (2020). Entre o rio e o mar: espaços de educação do corpo na cidade de Itajaí (1895-1920). **Revista Conexões**, v. 18, p. e020038.
- PORTER, R. (2001). History of the Body Reconsidered. In: BURKE, P. (org.). **New perspectives on historical writing**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, p.230-260.
- RUBERG, W. (2020). **History of the body**. London: MacMillan International; Red Globe Press.
- SARASIN, P. (2016). **Reizbare Maschinen**. Eine Geschichte des Körpers 1765-1914. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- SCHARAGRODSKY, P.A. (2014). Palabras preliminares. In: SCHARAGRODSKY, P.A. **Miradas médicas sobre la cultura física en Argentina (1880-1970)**. Buenos Aires: Prometeo.
- SOARES, C. L. (2000). Notas sobre a Educação do Corpo. **Educar em Revista**, v. 16, n.16, p. 43-60.
- SOARES, C. L. (2001). Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, C. L. (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, p.109-130.
- SOARES, C. L. (1994). **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.
- SOARES, C. L.; ZARANKIN, A. (2004). Arquitetura e Educação do Corpo: notas indicias. **Rua**, v. 10, n.1, p. 23-35.
- TAMÉS, G. G. (2009). Aproximaciones a la historia del cuerpo como objeto de estudio de la disciplina histórica. **Historia y Grafía**, n. 33, p. 167-204.
- VIGARELLO, G. (2018). **Le corps redressé**: Histoire d'un pouvoir pédagogique. Paris: Félin.
- ZARANKIN, A. (2002). **Paredes que domesticam**: arqueologia da arquitetura escolar capitalista; o caso de Buenos Aires. São Paulo, SP: Editora da FAPESP.